

A transcendência do amor para além da eternidade

Rodrigo Barboza dos Santos¹

*“Amor da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos foram traçados
Na maternidade”*

(Trecho da música Exagerado, do cantor e compositor Cazuza)

Desde antes das longínquas eras mitológicas, os seres humanos se deliciam com a especulação acerca do eterno. O homem sempre buscou o eterno. Mas o que é a eternidade? Ela pode ser considerada algo que nunca irá ter um fim. O eterno não está sujeito às leis da física, ao devir do tempo; ele nunca deixará de existir.

Gilgamesh, conforme nos indica as tabuletas de argila de cerca de cinco mil anos atrás, foi um rei sumério cercado de elementos misteriosos. Segundo os relatos históricos, buscou a eternidade. Na Mitologia Grega, mesmo sendo derrotados, os titãs permaneceram eternamente presos abaixo do tártaro, pois a eternidade constituinte de seus seres não permitia que eles perecessem. Assim como os titãs, os deuses gregos também são eternos. O Deus da Mitologia Cristã (neste caso, assim como nos outros utilizados, a palavra “mitologia” não é utilizada para desqualificar o cristianismo e nenhuma outra religião de nenhuma cultura) também é eterno. Criou o céu, a Terra e tudo o que existe no mundo. O filósofo Santo Anselmo definiu Deus como “o ser do qual não se pode pensar nada maior”. Ou seja, Deus quando pensamos em Deus precisamos ter em mente todos os atributos, inclusive a própria eternidade.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e graduado em Filosofia pela Universidade Mackenzie.

Assim, ao que parece, o ser humano tende a crer em um ser eterno. O ser humano parece até mesmo desejar a eternidade para si. Mas será que o ser humano suportaria o peso da eternidade?

Este artigo tem como finalidade refletir acerca da relação que os seres humanos mantêm com o eterno, este elemento sublime que sempre despertou a curiosidade dos seres humanos. Mais do que isso, perceber o desejo que os seres humanos nutrem em ter um sentimento que seja eterno, a saber, o amor.

Por que tratar a eternidade como sublime? É importante recorrer aos pensamentos de Kant para entender melhor tal questão. No texto cujo título é Observações quanto ao sentimento de belo e sublime, Kant busca definir esses dois conceitos. De forma sucinta, o sublime desperta o sentimento de reflexão naqueles que se debruçam a entender algo pertencente a tal categoria. Uma imagem de Cristo crucificado, por exemplo, faz com que seu observador reflita e tenha em sua alma o sentimento de mais profunda admiração. Representa o infinito. Em contrapartida, o belo traz o sentimento de alegria, de beleza e faz com que seus admiradores sintam-se maravilhados. Um exemplo de algo belo é um jardim de rosas coloridas em uma manhã ensolarada da primavera. Tendo definido tais elementos, torna-se fácil identificar os motivos pelos quais o eterno é associado ao sublime. Quando há reflexão acerca do eterno, existe ali certo respeito carregado de dúvidas, que preenchem a essência humana de um caráter por vezes melancólico. E esse eterno sublime é relacionado muitas vezes com outro elemento, mas desta vez belo. Esse elemento é o amor. O amor é belo. Ele é colorido e cheio de vida, assim como o jardim de rosas mencionado há pouco. Como é essa relação? Antes de tudo, ainda é necessário refletir sobre o eterno e sua relação com o ser humano.

A escritora Clarice Lispector escreveu um texto sobre a eternidade, trazendo uma comparação muito interessante. Trata-se de uma criança que conheceu um chiclete. Ao ganhar um chiclete, essa criança ficou curiosa com o fato deste jamais acabar. Chupa-se um chiclete o quanto quiser, mas ele, ao contrário das outras balas, não acaba. Isso, no início, era algo maravilhoso. No entanto, depois de algumas horas, aquela criança já não suportava mais aquele chiclete. Ele havia perdido o sabor doce que tivera outrora e agora não passava de uma massa que

não tinha nada de agradável. E se a vida passasse a ser como um chiclete e não tivesse mais fim? Será que os seres humanos se agradariam dela? Ou será que a vida perderia o sabor? E o amor?

O amor não é visto da mesma forma. Ninguém deseja ter pouco amor. A razão de isso acontecer pode ser retirada da obra Banquete, de Platão. Nesta obra, alguns amigos se reúnem em um banquete. Os banquetes, naquela época, eram usados como forma de discutir algum assunto que interessasse a todos os participantes. Na ocasião mencionada, foram discutidos alguns assuntos relacionados a Eros, conhecido popularmente como o cupido. Cada um dos participantes do banquete fez um discurso elogiando as virtudes de Eros, associadas ao amor, pois Eros é o deus do amor.

O discurso idealista de Agátón traz uma visão interessante sobre o assunto amor. Segundo o pensamento do autor do discurso, Eros é o deus mais jovem. Ele é belo e virtuoso. Virtuoso a ponto de ser considerado o mais feliz e virtuoso entre todos os deuses. Suas virtudes impediriam os deuses de terem lutado em eras mais longínquas. Ele inspira a beleza. E aqueles que são inspirados por Eros se tornam poetas. Comparando com a contemporaneidade, aquele que ama faz poemas. Mesmo o homem mais frio do mundo, ao ser tocado pela arrasadora força do amor, se torna um sujeito capaz de escrever poesias. O poeta precisa verdadeiramente de um amor para lhe inspirar.

Eros é incompatível com a força. Quem está sob a influência de Eros se submete ao amor por livre e espontânea vontade. Amar é, nas palavras do poeta Luís Vaz de Camões, “querer estar preso por vontade”. Assim, se o amor é algo tão belo assim, a explicação está na existência do seu deus inspirador: Eros.

Ainda no Banquete, Aristófanes fez um discurso no qual se pode notar outra explicação para o eterno amor. Segundo suas concepções, antes mesmo do surgimento dos seres humanos na Terra, existia outro ser consideravelmente diferente. Era o andrógino. Este ser não era nem humano e nem deus. O andrógino possuía formas redondas, era dotado de quatro braços, quatro pernas, uma cabeça com duas faces, quatro orelhas e dois órgãos de geração. Eles possuíam corpos fortes e eram muito habilidosos, sem contar que eles eram muito corajosos. Em

certa ocasião, eles resolveram escalar o céu e atacar os deuses. Os deuses muito irados resolveram separar os andróginos em dois seres: o homem e a mulher. A partir deste momento, cada ser buscaria eternamente pela sua outra metade, pois somente ela poderia lhe completar. Esse mito pode ser associado ao mito da alma gêmea, que diz que cada pessoa tem somente outra pessoa em todo o mundo que poderia lhe completar.

O amor é o sentimento mais nobre que existe. Ele é a base de tudo o que há de mais lindo no universo. Sem ele não há paz, amizade e nem felicidade. É como dizia o músico brasileiro Renato Russo, inspirado no texto bíblico: mesmo que eu falasse a língua dos anjos, eu nada seria sem o amor.

Qual é a diferença entre aquele que ama e aquele que não ama? Aquele que não ama se sente insignificante, pois falta alguém para dar um significado maior para sua vida. Ele não é feliz e está fragmentado, a respeito do mito do andrógino. Já aquele que ama possui em si parte da divindade, é belo, feliz, completo e gracioso. Aquele que não ama não tem rumo e está perdido no mundo, lançado a escuridão da solidão. Já aquele que ama sente que está na direção da perfeição, lançado a uma beleza comparada à luz do sol e ao seu maravilhoso esplendor. Para imaginar alguém que não está envolto no amor é somente imaginar uma máquina que não possui nenhuma emoção, um ser que não é, uma luz que não emana brilho, um pássaro sem asas. O lado negro do abismo. Assim, se existe algo que ultrapassa todos os limites, esse algo é exatamente o amor, pois este é forte e grandioso. É ilimitado e infinito.

No entanto, as coisas não são tão simples. Existem dois tipos de amor: ablativo e possessivo. O primeiro se aproxima mais das definições encontradas no texto de Platão. É um amor no qual se fez de tudo pela pessoa amada, sem pedir nada em troca. Já o amor possessivo deseja receber muitas coisas daquele que é amado, mas não aceita fazer nada em troca. Este último é egoísta.

Hegel via o amor como o sentimento de dois seres que existem em uma unidade perfeita e identidade entre ambas as almas. Esse amor está ligado a um princípio que não é puramente humano, e sim transcendental. Outra visão do amor mostra indivíduos com igualdade de direitos e deveres, sendo autônomos. Neste

→

caso, há reciprocidade, mas não uma unidade, pois a individualidade e a autonomia são respeitadas.

A própria palavra “amor” é originalmente dotada de diferentes significados. É uma palavra que possui, a rigor, três significados diferentes na concepção etimológica grega. O amor *Filiae* é um amor voltado para a amizade. É o amor fraternal. Normalmente se sente esse tipo de amor por amigos ou familiares. O amor *Eros* é o amor físico, voltado para o desejo sexual. E, finalmente, o amor *Agape*, que é um amor quase divino, onde o amante daria sua vida pelo amado. O amor completo seria a união entre os três tipos de amor.

Para o filósofo pré-socrático Empédocles, ao contrário de muitos filósofos dessa geração, não existia somente um elemento como princípio do mundo. Os elementos naturais (água, fogo, terra e ar) se uniam por intermédio do amor. Assim, percebe-se que desde os primórdios da filosofia o amor foi tratado como algo importante, pois ele era visto comumente como um elemento que harmonizava tudo.

Em última instância, o amor está intimamente ligado a outro sentimento: o sentimento da felicidade. Quem ama é feliz. Quem quer amar quer ser feliz. Portanto, busca-se o amor na intenção de ser feliz. Mas o que é a felicidade? A felicidade é um sentimento de satisfação. Esse sentimento se manifesta nos seres humanos de acordo com suas inclinações naturais. Um recém-nascido é feliz quando tem sua fome saciada. Um adolescente é feliz quando começa a alcançar sua independência. Um adulto é feliz, por exemplo, quando recebe uma promoção em seu emprego. Mas uma espécie de felicidade que perpassa todas as fases dos seres humanos é o amor. O amor que o recém-nascido recebe de sua mãe, o amor que o adolescente recebe de sua namorada, o amor que o adulto recebe de seu companheiro de matrimônio... Assim, a felicidade é condicionada ao amor, pois esta é a maior de todas as virtudes.

Outra questão relevante para o assunto discutido é referente às escolhas que se faz a partir do momento que se ama. Assim, é importante trazer a filosofia existencialista de Sartre para explicar tal problemática. De acordo com as perspectivas filosóficas de Jean-Paul Sartre, filósofo francês contemporâneo, o homem é livre. Esse homem pode escolher qualquer coisa, menos deixar de fazer

escolhas, visto que deixar de escolher já é uma escolha. Em sua palestra O existencialismo é um humanismo, mais tarde publicada e se tornando uma leitura indispensável para aqueles que querem conhecer a filosofia, Sartre mostra a questão da escolha referente ao amor em dois exemplos antagônicos. O primeiro é da jovem Maggie Tulliver, personagem da obra O moinho à beira do rio. Essa jovem é apaixonada por um rapaz que era comprometido com uma mulher insignificante. A jovem Maggie decidiu sacrificar seus sentimentos e sua felicidade em prol da felicidade de seu amado, que estava feliz em seu relacionamento. O segundo exemplo é da jovem Sanseverina, personagem da obra A cartuxa de Parma. Ela era apaixonada por um jovem que estava para se casar com uma jovem boba. Sanseverina, acreditando que a paixão constitui o verdadeiro valor do homem, decidiu lutar para tirar seu amado dos braços de sua noiva.

No primeiro exemplo, o amante abre mão de sua felicidade em prol do seu amado. Esse amor pode ser comparado até mesmo com o amor Agape, pois, neste caso, há felicidade em saber que o amado existe e que ele está feliz, mesmo que o preço disso seja o próprio sacrifício. No segundo exemplo, o amante não leva em consideração nem o desejo do amado e nem o desejo da companheira do amado. Só leva em consideração os seus desejos e vontades. Este amor é possessivo e egoísta, pois não leva em consideração o amado. Assim, percebe-se claramente que, frente ao amor, cada pessoa pode tomar diferentes decisões. Qual decisão é a correta? Essa pergunta não possuiu resposta. As individualidades e subjetividades devem ser respeitadas.

Antes de concluir essa comunicação, é interessante mostrar mais uma visão do eterno que pode ser associada ao amor. O escritor e matemático Lewis Carroll, em seu clássico aclamado mundialmente Alice no país das maravilhas, traz inúmeras reflexões que podem ser analisadas do ponto de vista filosófico. A garota Alice fez a seguinte pergunta ao Coelho, personagem do livro: Quanto tempo dura o que é eterno? O coelho responde dizendo que às vezes somente um segundo. O eterno não é necessariamente somente a ausência de fim, mas também a intensidade do momento. Um momento que temporariamente dura pouco pode ser considerado eterno em si mesmo devido a sua intensidade. Com o amor ocorre o

mesmo. Ele pode até não durar para sempre, mas se for intenso e belo com certeza também será eterno. É como dizia Vinícius de Moraes em seu Soneto de Fidelidade, que o amor não seja imortal, mas que seja infinito enquanto durar.

Conclusão

Este artigo teve como principal objetivo refletir a respeito da relação que os seres humanos mantêm com o eterno e com o amor. Existem vários tipos de amor e existem várias formas de agir frente ao amor. Esse assunto sempre foi visto como importante ao longo da história da humanidade. Muitas vezes o amor foi associado ao belo. E muitas vezes foi associado à eternidade. Daí a razão de ter trazido um trecho da música Exagerado como epígrafe. Antes mesmo de tomar consciência de qualquer coisa, existe um laço amoroso desde o nascimento. Esse laço amoroso é eterno, jamais poderia ser corrompido e independe da vontade dos envolvidos. É como se o deus Eros já tivesse definido isso antes mesmo do nascimento das pessoas. Como se o cupido, personagem popular, tivesse decidido unir duas pessoas. É como se as duas partes do andrógino finalmente se juntassem em um único ser, completo, mais forte e mais belo. Assim é o amor: uma força quase incontrolável que une duas pessoas com a intenção de buscar a felicidade e a completude.

Assim, duas instâncias antagônicas, a amor belo e a eternidade sublime, são unidas. O que, segundo Kant, traz um sentimento mais nobre. O sentimento de união entre o belo e o sublime.

Finalizando o artigo, pode-se concluir que o amor é um dos assuntos mais interessantes discutidos pela filosofia. Mesmo quem pouco se interessa pela filosofia acaba se sentindo cativado pelo assunto amor. Tudo isso pela busca da felicidade. Somente o amor pode conduzir as pessoas à beleza, pois o amor é o que existe de mais belo nesse mundo. E o belo, diretamente ou indiretamente, acaba conduzindo as pessoas à filosofia. A filosofia, por ser a busca pelo conhecimento, é também a

busca pelo amor. Amor é autoconhecimento, é conhecimento do belo, é conhecimento do mundo e é conhecimento do eterno.

O que seria do mundo sem o amor? Nada, pois o amor é condição da existência do mundo, pois sem ele nada pode se harmonizar.

Referências

- ABBAGNANO**, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA**, J. F. (tr.) *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- ARANHA**, M. L. A; **MARTINS**, M. H. P. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1998.
- CAMÕES**, L. V. *200 Sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- CARROLL**, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Summus, 1980.
- CAZUZA**. *Novo Millenium*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2005.
- KANT**, I. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais*. Campinas: Papyrus, 1993
- FRANCHINI**, A. S; **SEGANFREDO**, C. *As 100 Melhores Histórias da Mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- LEGIÃO URBANA**. *As Quatro Estações*. Rio de Janeiro: EMI, 1989.
- LISPECTOR**, C. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.
- MORAES**, V. *Nova Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PLATÃO**. *Diálogos: Mênon, Banquete, Fedro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.
- SARTRE**, J. P. *O existencialismo é um Humanismo*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/index.htm